

A Consciência Fonológica em crianças
com Paralisia Cerebral utilizadoras de
Sistemas Aumentativos e/ ou Alternativos à
Comunicação: Estudo de Caso

Candidatura a Título de Especialista
na Área de Terapia da Fala

Novembro. 2014

Ana Filipa de Oliveira Santos

A Consciência Fonológica em crianças com Paralisia Cerebral utilizadoras de Sistemas Aumentativos e/ou Alternativos à Comunicação: Estudo de Caso

Conforme solicitado no documento N.º 1781 - ESTSP-IPP com data de 25/09/2014, a candidata apresenta uma reflexão com uma componente mais prática sobre o trabalho anteriormente apresentado.

Novembro. 2014

Ana Filipa de Oliveira Santos

Índice

Introdução	4
Metodologia	6
Desenho de Investigação.....	6
População e Amostra.....	6
Recolha e Apresentação dos Dados.....	6
Apresentação de Resultados.....	8
Discussão de Resultados.....	13
Considerações Finais	16
Bibliografia	18

Introdução

A consciência fonológica ou conhecimento fonológico faz parte de um conceito mais global que é o conhecimento metalinguístico, que significa ter a capacidade de pensar sobre a própria linguagem e utilizá-la nos seus diversos níveis: semântico, morfológico, sintático, pragmático e fonológico (Zorzi, 2003, citado em Santos, A., Martins, A., Salazar, E. & Senra, J., 2013).

A consciência fonológica desenvolve-se num contínuo em que a criança adquire a consciência de que o discurso se segmenta em unidades sonoras mais pequenas, como a palavra, sílaba e fonema (Justice & Schuele citado em Santos et al., 2013). Zorzi (2003, citado em Santos et al., 2013) considera quatro níveis de conhecimento fonológico que são, conhecimento de rima, conhecimento silábico, conhecimento intra-silábico e conhecimento fonémico ou segmental.

A aquisição da literacia é algo que não é um processo natural no ser humano, precisa de ser aprendido. Para aprender este código alfabético que é a base da aprendizagem da leitura e escrita é preciso ter a capacidade, primeiro de perceber que a fala é formada por unidades sonoras cada vez mais pequenas (palavra, sílaba, fonema) e segundo que esses sons (fonemas) são representados por caracteres do alfabeto (grafemas) (Freitas, Alves & Costa, 2008, citado em Santos et al., 2013). Esta capacidade que as crianças têm de compreender que o discurso se fragmenta em unidades sonoras mais pequenas, ajuda-os a descodificar a linguagem escrita e a adquirir o princípio alfabético (Freitas, Alves & Costa, 2008, citado em Santos et al., 2013; Philips, Clancy-Menchetti & Lonigan citado em Santos et al., 2013, 2008).

É consensual na bibliografia consultada que a consciência fonológica é um dos pré-requisitos mais importantes para a aquisição da leitura e escrita (Catts et al., 1999, 2001, citado em Santos et al., 2013; Engen & Høien, 2002, citado em Santos et al., 2013; Gilbertson & Bramlett, 1998, citado em Santos et al., 2013; Lonigan, Burgess & Anthony, 2000, citado em Santos et al., 2013; Peeters, Verhoeven, Moor & Balkom, 2008, citado em Santos et al., 2013; Serry et al., 2008, citado em Santos et al., 2013). Os estudos dizem mesmo que, quanto maior o conhecimento das crianças sobre os sons que constituem a fala maior será a sua capacidade para as competências de literacia (Adams,

1990, citado em Santos et al., 2013; Serry et al, 2008, citado em Santos et al., 2013).

A paralisia cerebral (PC) é uma perturbação neuromotora que afeta postura e movimento decorrente de uma lesão que ocorre num cérebro em desenvolvimento (Andrada et al., 2005, citado em Santos et al., 2013; Miller & Bachrach, 2006, citado em Santos et al., 2013). A população com PC é heterogénea tendo em conta o quadro motor, grau de severidade e a co-ocorrência de patologias associadas. (Card & Dodd, 2006, citado em Santos et al., 2013). É comum, devido às alterações neuromotoras a fala estar afetada (Peeters et al., 2008, citado em Santos et al., 2013), sendo muitas vezes necessário o uso dos Sistemas Aumentativos e/ou Alternativos à Comunicação (SAAC).

Sabendo da importância da consciência fonológica na aquisição da literacia em crianças com um desenvolvimento normal é importante perceber como é que esta se desenvolve em crianças com PC. Estudos referem fatores que influenciam este desenvolvimento da consciência fonológica, como, idade cronológica, experiências escolares, género, classe social e comprometimento motor (Card & Dodd, 2006, citado em Santos et al., 2013).

Os estudos sobre a influência da produção de fala no desenvolvimento da consciência fonológica em crianças com PC são divergentes. Card and Dodd (2006, citado em Santos et al., 2013) não verificaram essa diferença em crianças com PC falantes e não falantes. Outros estudos demonstraram diferenças na relação entre capacidade articulatória e desenvolvimento de consciência fonológica (Stackhouse & Wells, 1997, citado em Santos et al., 2013; Vandervelden & Siegel, 1999, citado em Santos et al., 2013; Webster & Plante, 1995, citado em Santos et al., 2013; Yavas, 1998, citado em Santos et al., 2013).

A importância que o Terapeuta da Fala atribui ao desenvolvimento da consciência fonológica não se esgota apenas no facto de esta ser um pré-requisito importante para a aquisição da literacia, mas devido ao papel, importante, que a literacia, por sua vez, pode desempenhar na vida de um individuo utilizador de SAAC e sua participação social.

Este estudo tem como objetivo a análise sobre adaptações de atividades e estratégias desenvolvidas em intervenção estruturada para o

desenvolvimento da consciência fonológica, em duas crianças com PC, com e sem oralidade, utilizadoras de SAAC's e reflexão sobre como se desenvolveram essas competências de consciência fonológica e a aquisição da leitura e escrita no 1º ciclo destes dois casos.

Metodologia

Desenho de Investigação

A autora na sua prática profissional, com crianças com PC utilizadoras de SAAC's, tem-se deparado com a importância da intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica, o que também é reforçado pela bibliografia consultada, devido ao papel preponderante que esta desempenha no desenvolvimento de competências de literacia.

Neste estudo recorreu-se a um estudo de caso múltiplo, com análise qualitativa dos resultados obtidos (Almeida & Freire, 2008).

População e Amostra

A amostra deste estudo é constituída por duas crianças do sexo feminino com diagnóstico clínico de PC utilizadoras de SAAC, com e sem oralidade sem défice cognitivo associado e que durante a intervenção em Terapia da Fala foi realizada uma intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica durante o período pré-escolar.

Recolha e Apresentação dos Dados

Os dados que irão ser apresentados foram recolhidos a partir de documentos pertencentes aos processos das crianças, com devida autorização da família e instituição e observação participante. A partir deles a autora analisou os resultados das avaliações formais e informais realizadas durante o período de intervenção e outros documentos disponibilizados no processo.

Tabela 1. Caracterização dos Casos

	Caso 1	Caso 2
Gênero	Feminino	Feminino
Idade no início da intervenção	6A4M	6A2M
Idade de entrada no 1º ciclo	7A4M	6A10M
Tipo de Paralisia Cerebral	Disquinética na forma Distônica	Disquinética na forma Distônica
Nível SCFMG¹	V	V
Nível MACS²	V	V
Viking Speech Scale	IV	III
Avaliação cognitiva através da Leiter-R	Resultado dentro do esperado para a idade com exceção do raciocínio sequencial e categorização que estão abaixo. (5A7M)	Resultado dentro do esperado para a idade. (5A6M)
Desenvolvimento Linguístico - Compreensão	Através da utilização da Escala Reynell, dentro do esperado para a idade. (6A7M)	Através da utilização da TALC ³ . Resultado dentro do esperado para a idade. (6A3M)
Desenvolvimento Linguístico – Expressão	Avaliação informal: Semântica- nível de vocabulário adequado à idade, com utilização dos símbolos com mais do que um significado; Sintaxe- Utilização de frases complexas; Morfologia- utilização de símbolos que indicam o tempo verbal, passado, presente, futuro; utilização de símbolo que indica o plural.	Através da utilização da TALC. Resultado dentro do esperado para a idade. (6A3M)
Tipo de SAAC	Uso de vocalizações para chamar atenção; apontar com o olhar; expressão facial (agrado/desagrado); uso de SIM/NÃO com a cabeça; uso de alta tecnologia com símbolos SPC – Sistema Alternativo à Comunicação no software GRID através de varrimento com acesso indireto através de switch com movimento do antebraço.	Uso de fala inteligível para interlocutores habituais; apontar através de punho fechado; expressão facial; uso de alta tecnologia com símbolos SPC – Sistema Aumentativo à Comunicação no software GRID através de varrimento com acesso indireto através do switch com movimento da mão.

¹ Sistema de Classificação da Função Motora Global

² Manual Ability Classification System

³ Teste de Avaliação da Linguagem na Criança

Apresentação de Resultados

A avaliação da consciência fonológica nos casos pertencentes a este estudo foi realizada de forma informal.

Os dados a seguir descritos dizem respeito à intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica que ocorreu nos dois casos caracterizados anteriormente e da avaliação realizada pelas professoras do 1º ciclo.

Tabela 2. Dados da intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica (apresentados pela ordem que foram trabalhados):

Segmentação Silábica	Caso 1	N.º de Sessões: 5 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Inicialmente foi utilizado o batimento com a mão na mesa para dividir a palavra em sílabas (batimento esse realizado com muita ajuda do terapeuta). Aos poucos foi retirada essa ajuda e colocado em cima da mesa marcas para que a criança à medida que ia “dizendo” a palavra fosse seguindo com o olhar as marcas. Quando parava eram retiradas as restantes marcas da mesa e a criança contava o número de marcas e dizia na sua tabela utilizando os números, quantas sílabas a palavra tinha. No final da intervenção já não era necessário a presença das marcas.
	Caso 2	N.º de Sessões: 2 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Inicialmente foi utilizado o batimento com a mão na mesa para dividir a palavra em sílabas (batimento esse realizado com muita ajuda do terapeuta). Rapidamente a criança percebeu o processo e passou a acenar com a cabeça à medida que dizia a palavra segmentada, indicando posteriormente na sua tabela utilizando os números ou dizendo oralmente, quantas sílabas a palavra tinha.

Reconhecimento de Rima	Caso 1	N.º de Sessões: 6 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Inicialmente eram colocadas em cima da mesa (em posição vertical) 2 imagens e o terapeuta tinha na mão uma terceira. O terapeuta ou mãe produzia a palavra alvo e a palavra de uma das imagens colocadas em cima da mesa (dando maior entoação na parte final das palavras), voltando a repetir o processo para a outra palavra. A criança indicava com o olhar qual era a que rimava. Ao longo da intervenção foi-se aumentando o número de imagens hipótese (até de 1 para 4). No final da intervenção o terapeuta dizia uma palavra (tendo o cuidado de dizer uma palavra que rimasse com alguma existente na sua tabela de símbolos) e a criança procurava no seu SAC uma palavra que rimasse com a palavra alvo.
	Caso 2	N.º de Sessões: 3 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Inicialmente eram colocadas em cima da mesa 2 imagens e o terapeuta tinha na mão uma terceira. O terapeuta produzia a palavra alvo e a palavra da uma das imagens colocadas em cima da mesa (dando maior entoação na parte final das palavras), voltando a repetir o processo para a outra palavra. A criança indicava com a mão qual a palavra que rimava. Ao longo da intervenção foi-se aumentando o número de

		imagens hipótese (até de 4 para 4). No final da intervenção o terapeuta dizia uma palavra (tendo o cuidado de dizer uma palavra que rimasse com alguma existente na sua tabela de símbolos) e a criança procurava no seu SAC uma palavra que rimasse com a palavra alvo ou produzia oralmente a palavra.
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Segmentação Silábica – reconhecimento de sílaba inicial	Caso 1	N.º de Sessões: 5 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Após apresentada uma imagem, inicialmente a criança realizava a segmentação silábica indicando na sua tabela utilizando os números quantas sílabas a palavra tinha e posteriormente o terapeuta colocava em cima da mesa o número de marcas indicado pela criança (relativamente às sílabas) e apontava para a marca correspondente à primeira sílaba, dizendo alto essa sílaba; realizando a mesma atividade para outra palavra e perguntando no final se a primeira sílaba das duas palavras era igual, ao que a criança respondia SIM/NÃO. Ao longo da intervenção e progressivamente o terapeuta deixou de produzir alto a sílaba inicial, deixando a criança fazê-lo para si, perguntando apenas se as palavras tinham a primeira sílaba igual ou não. No final da intervenção o terapeuta mostrava uma imagem e a criança entre 3/4 opções tinha que indicar usando o olhar quais as palavras que tinham a primeira sílaba igual.
	Caso 2	N.º de Sessões: 3 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Após apresentada uma imagem, inicialmente a criança realizava a segmentação silábica indicando na sua tabela utilizando os números (ou oralmente) quantas sílabas a palavra tinha e posteriormente o terapeuta colocava em cima da mesa o número de marcas indicado pela criança (relativamente às sílabas) e apontava para a marca correspondente à primeira sílaba, pedindo à criança para dizer apenas aquela sílaba; realizando a mesma atividade para outra palavra e perguntando no final se a primeira sílaba das duas palavras era igual. No final da intervenção o terapeuta mostrava imagens e a criança de 4 para 4 opções tinha que indicar com a mão quais as palavras que tinham a primeira sílaba igual.

Manipulação Silábica	Caso 1	N.º de Sessões: 5 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: O terapeuta produzia uma palavra e explicava que ao juntar ou retirar uma sílaba formava uma nova palavra dando exemplos, usando um número de marcas sobre a mesa igual ao número de sílabas da palavra (a cor da marca da sílaba que iria ser manipulada era diferente). Foi sempre utilizado marcas sobre a mesa com diferentes cores para simbolizar as sílabas e a manipulação das sílabas. No final da intervenção a criança tinha que dizer usando o seu SAC qual a nova palavra formada. Ao longo da intervenção houve necessidade de manter as marcas presentes.
	Caso 2	N.º de Sessões: 7 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: O terapeuta produzia uma palavra e explicava que ao juntar ou retirar uma sílaba formava uma nova palavra dando exemplos, usando um número de marcas sobre a mesa igual ao número de sílabas da palavra (a cor da marca da sílaba que iria ser manipulada era diferente). No final da intervenção a criança tinha que dizer qual a nova palavra formada, através do SAC ou oralmente. Ao longo da intervenção foi sendo retirado as marcas sobre a mesa.

Consciência Fonêmica – fonema inicial	Caso 1	N.º de Sessões: 7 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Após apresentada uma imagem, inicialmente o terapeuta produziu a palavra, prolongando ou sobrearticulando a produção do fonema inicial das imagens apresentadas (1 para 1), perguntando à criança se o som inicial era igual ou não, ao que a criança respondia SIM/NÃO. Ao longo da intervenção e progressivamente o terapeuta passou a produzir a palavra sem sobrearticular o som inicial pedindo à criança para identificar através do olhar qual a imagem que começava com o mesmo som (1 imagem para 2 opções, aumentando as opções progressivamente). No final da intervenção o terapeuta mostrava uma imagem e a criança entre 3/4 opções tinha que indicar usando o olhar quais as palavras que tinham o primeiro som igual. Foi necessário, grande parte das vezes, a mãe ou o terapeuta produzir alto as palavras para aumentar o sucesso.
	Caso 2	N.º de Sessões: 4 (duração da sessão 45 a 50m)
		Atividades e estratégias: Após apresentada uma imagem, inicialmente o terapeuta produziu a palavra, prolongando ou sobre articulando a produção do fonema inicial das imagens apresentadas pedindo-lhe para repetir oralmente dentro das suas capacidades de articulação (1 para 1), perguntando à criança se o som inicial era igual ou não. Ao longo da intervenção e progressivamente o terapeuta deixou de produzir a palavra pedindo à criança para identificar as palavras (representadas em imagens) que começavam com o mesmo som (1 imagem para 2 opções, aumentando as opções progressivamente). No final da intervenção o terapeuta mostrava quatro imagens e a criança entre várias opções tinha que indicar quais as palavras que começavam com o mesmo fonema.

Tabela 3. Resultados das avaliações escolares. Método de aprendizagem da leitura e escrita – sintético.

Caso 1						
1º Ano - 1º Período						
Língua Portuguesa	Exprime-se por iniciativa própria.					
	Compreende enunciados orais.			X		
	Descreve gravuras.					
	Identifica e escreve o seu nome.			X		
	Identifica e escreve as vogais.			X		
	Lê e escreve os ditongos.			X		
	Reconhece e escreve as consoantes: p, t, l, m.			X		
Lê e escreve palavras/frases simples.			X			
As cruzes da avaliação encontram-se na coluna do Satisfaz.						
1º Ano - 2º Período						
Língua Portuguesa	Exprime com clareza as suas ideias e vivências.					
	Compreende enunciados orais.			X		
	Descreve e legenda gravuras.			X		
	Formula perguntas e respostas oralmente. <i>Computadores</i>					
	Escreve o seu nome completo.			X		
	Reconhece e escreve todas as letras do alfabeto.			X		
	Inventa e escreve frases simples.					
Lê e copia pequenos textos.			X			
1º Ano - 3º Período						
Língua Portuguesa	Exprime com clareza as suas ideias e vivências.					
	Observa e interpreta imagens.					
	Compreende enunciados orais e escritos.					
	Aplica regras de leitura e de escrita.					
	Lê pequenos textos.					
	Interpreta textos.					
	Responde a questionários escritos.					
Constrói pequenos textos.						
<p>SÍNTESE FINAL (incluindo aspectos em que se destaca e/ou necessita de melhorar):</p> <p><i>A aluna integrou-se bem no grupo. Gosta da escola e não se queixou mal quando saiu às visitas de estudo e mesmo para comer na refeitório da escola. Acompanhou a aprendizagem da leitura que lhe é possível, obtendo resultados positivos. Assistiu a tudo e sentiu que foi sempre muito apreciada por todos. Foi sempre muito sincera, apreciando e aceitando com a cabeça de cima ou não para concordar ou discordar. Esteve sempre atenta às particularidades, às explicações das matérias dadas pela professora e comunicou sempre que entendia.</i></p>						
2º Ano – 3º Período						
<p>“... é uma aluna interessada, ativa e perspicaz. Consegue gerir a sua atenção para a área curricular de que gosta mais (Estudo do Meio), mas também para os conteúdos. Nem sempre é fácil conseguir que ela canalize o seu interesse para o que está a ser trabalhado, mas quando o faz, os resultados são muito satisfatórios.” (retirado da Ficha de Avaliação do 2º ano, 3º período)</p>						
3º Ano - 3º Período						
<p>“...foi notório desde fevereiro uma evolução significativa na rapidez das respostas dadas pela aluna, o que se deveu à mudança da parte que aciona o switch (a resposta dada com antebraço foi substituída pela resposta pela cabeça)... estas mudanças interferiram positivamente na sua capacidade de execução da tarefa... A aluna continua em processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Já identifica alguns casos de leitura (r/rr, ge/gi, gue/gui) os quais precisam de uma melhor consolidação.</p>						

Lê as sílabas diretas e os ditongos. Apesar de identificar isoladamente os segmentos das palavras, apresenta dificuldades na leitura das palavras/frases. Consegue escrever com correção ortográfica palavras, desde que estas lhe sejam lidas silabicamente.” (retirado da Ficha de Avaliação do 3º ano, 3º período)

Caso 2										
1º Ano - 1º Período										
ÁREAS CURRICULARES DISCIPLINARES										
Apreciação do Desempenho						R	NS	S	SB	E
Português	Empenho / Interesse								x	
	Compreensão de Vocabulário	oral						x		
		escrito						x		
	Capacidade de comunicação/expressão	oral				x				
		escrita						x		
	Capacidade de leitura								x	
	Conhecimento explícito de regras de comunicação e estrutura da língua materna								x	
	Criatividade/Originalidade								x	
Sentido crítico								x		
1º Ano - 2º Período										
ÁREAS CURRICULARES DISCIPLINARES										
Apreciação do Desempenho						R	NS	S	SB	E
Português	Empenho / Interesse									x
	Compreensão de Vocabulário	oral						x		
		escrito						x		
	Capacidade de comunicação/expressão	oral						x		
		escrita						x		
	Capacidade de leitura									x
	Conhecimento explícito de regras de comunicação e estrutura da língua materna								x	
	Criatividade/Originalidade								x	
Sentido crítico								x		
1º Ano - 3º Período										
ÁREAS CURRICULARES DISCIPLINARES										
Apreciação do Desempenho						R	NS	S	SB	E
Português	Empenho / Interesse									x
	Compreensão de Vocabulário	oral						x		
		escrito						x		
	Capacidade de comunicação/expressão	oral						x		
		escrita						x		
	Capacidade de leitura								x	
	Conhecimento explícito de regras de comunicação e estrutura da língua materna								x	
	Criatividade/Originalidade								x	
Sentido crítico								x		
<p>Síntese Descritiva (incluir aspetos em que o aluno se destaque e/ou necessita melhorar)</p> <p>A. é portadora de Paralisia Cerebral Espástica que acarreta muitos problemas ao nível da motricidade global e fina, necessita de apoio permanente. Trabalha com o GRID. Poucas atividades realiza sem o apoio desta ferramenta. O aproveitamento é excelente pois a aluna revela grandes capacidades cognitivas e gosta de participar em tudo, em conformidade com as suas limitações. Atingiu os objetivos propostos para o 1º ano.</p> <p>Transita ao 2º ano.</p> <p>Parabéns</p>										

Discussão de Resultados

A intervenção que ocorreu ao nível da consciência fonológica com os casos em estudo foi estruturada. O terapeuta efetuou um plano a longo prazo das competências de consciência fonológica a desenvolver, a ordem em que eram trabalhadas as competências (segmentação silábica, reconhecimento de rima, segmentação silábica - reconhecimento de sílaba inicial, manipulação silábica e consciência fonémica – fonema inicial) e as estratégias a utilizar.

A intervenção decorreu semanalmente até as competências serem adquiridas.

Na segmentação silábica inicialmente, o terapeuta através de ajuda física fez o batimento da mão da criança na mesa, para que esta sentisse a divisão silábica (pista cinestésica, outra via de entrada de informação). Posteriormente foram usadas as marcas – pistas visuais no sentido de concretizar algo que inicialmente é abstrato, o partir (dividir) a palavra em segmentos sonoros mais pequenos.

Peeters et al. (2008, citado em Santos et al., 2013) refere que a capacidade articulatória da criança está relacionada com a memória fonológica o que talvez justifique a diferença existente entre o caso 1 (sem oralidade) e o caso 2 (com oralidade) relativamente ao tempo que uma e outra criança levaram a adquirir esta competência.

No reconhecimento de rima, Peeters et al. (2008, citado em Santos et al., 2013), investigaram a capacidade de perceção da rima num grupo de crianças com PC com capacidades de produção de fala muito variadas e concluíram que a capacidade de articulação está fortemente relacionada com a perceção da rima. Nestes dois casos esta competência também levou mais tempo a ser adquirida pelo caso 1, sem oralidade, do que pelo caso 2, que apesar das suas grandes dificuldades articulatórias apresenta oralidade.

A produção do terapeuta dando maior informação na parte final da palavra de forma a realçar a rima, foi uma estratégia importante, principalmente para o caso 1, podendo ser uma estratégia a adotar/reforçar em crianças sem oralidade.

Na segmentação silábica – reconhecimento de sílaba inicial, houve necessidade de utilizar novamente as marcas no sentido de concretizar o que

estava a ser trabalhado (pista visual), à medida que a competência foi sendo adquirida, foram sendo retiradas. Nesta competência o Caso 1 também apresentou mais dificuldade na aquisição do que o Caso 2.

Na manipulação silábica, foram usadas novamente as marcas sobre a mesa como pista visual de forma a facilitar o armazenamento da informação e por sua vez melhorar a performance (Philips et al., 2008, citado em Santos et al., 2013), pois as tarefas de consciência fonológica requerem a representação de múltiplos segmentos sonoros ao nível da memória.

Em ambos os casos à medida que a intervenção e a exigência aumentava, as crianças levaram mais tempo a adquirir a competência, pois é necessário um maior nível de abstração e conhecimento fonológico.

Na consciência fonémica – fonema inicial, tanto o Caso 1 como o 2 não dominavam o código alfabético, daí que esta competência tenha levado mais tempo a ser adquirida e que muitas das vezes tenha sido fundamental a produção da palavra (feedback auditivo), realçando ou sobrearticulando o fonema alvo enquanto as crianças olhavam para a face do terapeuta. Nesta competência, o caso 1 demonstrou necessidade de maior suporte para obter sucesso, demonstrando maior dificuldade nesta consciência, de que a palavra é constituída por unidades sonoras mais pequenas como o fonema, sendo esta capacidade indício de uma boa compreensão da correspondência entre fonemas e grafemas (Philips, Clancy-Menchetti & Lonigan, 2008, citado em Santos et al., 2013; Zorzi, 2003, citado em Santos et al., 2013); dificuldade esta que se evidenciou no 1º ciclo e nesta correspondência fonema-grafema e na aquisição da leitura e escrita. Quanto maior o conhecimento das crianças sobre os sons que constituem as palavras maior é a sua capacidade para adquirir competências de leitura (Adams, 1990, citado em Santos et al., 2013; Goswami & Bryant, 1990, citado em Santos et al., 2013; Serry et al, 2008, citado em Santos et al., 2013).

O caso 1 levou quase o dobro das sessões a adquirir as mesmas competências de consciência fonológica que o caso 2, e diversas pesquisas referem que o desempenho das crianças na fase pré-escolar em determinadas tarefas de consciência fonológica, é preditivo do seu sucesso na aprendizagem da leitura e escrita (Capovilla, 1999, citado em Santos et al., 2013; Guimarães,

2003, citado em Santos et al., 2013; Juel, Griffith & Gough, 1986, citado em Santos et al., 2013; Stanovich, Cunningham & Cramer, 1984, citado em Santos et al., 2013), o que se verificou no caso 1 que apresentou muito mais dificuldade na aquisição da leitura e escrita que o caso 2.

A bibliografia diz-nos que existem outras capacidades que apresentam uma relação direta com o desenvolvimento da leitura e indireta através da consciência fonológica que são a precisão articulatória ou a produção de fala (Carroll, Snowling, Hulme & Stevenson, 2003, citado em Santos et al., 2013; Foy & Mann, 2001, citado em Santos et al., 2013; Peeters et al., 2008, citado em Santos et al., 2013; Stackhouse & Wells, 1997, citado em Santos et al., 2013; Vandervelden & Siegel, 1999, citado em Santos et al., 2013; Webster & Plante, 1995, citado em Santos et al., 2013; Yavas, 1998, citado em Santos et al., 2013); e esta capacidade articulatória pode facilitar processos envolvidos na memória de sequência de fonemas (Card & Dodd, 2006, citado em Santos et al., 2013), capacidade esta tão importante para a aquisição da leitura e escrita. O caso 1 não apresenta oralidade, o caso 2 apesar de grandes dificuldades articulatórias apresenta oralidade. Outra capacidade que apresenta uma relação direta com o desenvolvimento da leitura e indireta através da consciência fonológica é a memória fonológica a curto prazo (Peeters et al., 2008, citado em Santos et al., 2013), o caso 1 apresentou maior dificuldade na aquisição de todas as competências trabalhadas o que demonstra maior dificuldade a este nível, tal como também suporta a bibliografia que refere que a capacidade articulatória da criança está relacionada com a memória fonológica (Peeters et al., 2008, citado em Santos et al., 2013). Outra capacidade que apresenta uma relação direta com o desenvolvimento da leitura e indireta através da consciência fonológica é a capacidade cognitiva (McBride-Chang, 1995b, citado em Santos et al., 2013; Peeters et al., 2008, citado em Santos et al., 2013), sendo que o caso 1 apresentou em algumas áreas resultados abaixo do esperado, o caso 2 encontra-se dentro do esperado para a idade.

Outro fator apontado como relevante para a performance ao nível da consciência fonológica é o comprometimento motor (Card & Dodd, 2006, citado

em Santos et al., 2013) e apesar de ambos os casos estudados apresentarem o mesmo tipo de PC o grau de severidade é menor no caso 2 o que lhe permitia um acesso mais rápido ao switch tendo um tempo de varrimento menor e maior sucesso na seleção de símbolos ou letras. Este fator também terá influenciado o seu desempenho na escrita pois as características referidas permitem uma melhor realização em todas as atividades que impliquem uso do sistema GRID (comunicação ou teclado de letras).

Considerações Finais

Apesar de alguma controvérsia na diferente bibliografia consultada, nestes dois casos com comprometimento diferente na expressão verbal oral também se notou diferença na aquisição das diferentes competências de consciência fonológica o que predizia uma maior dificuldade na aquisição da leitura e escrita do caso 1 relativamente ao caso 2, que se confirma tendo em conta o percurso escolar de cada caso.

A bibliografia consultada indica a necessidade de intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica em crianças com PC (Card & Dodd, 2006, citado em Santos et al., 2013) esperando que nas crianças utilizadoras de SAAC resulte numa melhor performance ao nível da literacia, que irá suportar a sua participação efetiva ao nível da comunicação e nas atividades de aprendizagem (Vandervelden & Siegel, 2001, citado em Santos et al., 2013).

A autora considera importante que em estudos futuros se perceba/ pesquise qual o impacto da intervenção estruturada ao nível da consciência fonológica na aquisição da leitura e da escrita nesta população.

Também considera importante perceber/pesquisar qual o melhor método de aprendizagem da leitura e escrita em crianças com PC utilizadoras de SAAC e que apresentem mais dificuldades no desenvolvimento da consciência fonológica.

E sentiu na intervenção nesta área, falta de material específico, tendo em conta as características/ necessidades destes casos com grave

comprometimento motor permitindo que estas competências fossem trabalhadas nos diferentes contextos.

Sabendo que existem imensos fatores ambientais e atitudinais impossíveis de controlar a autora pensa que ainda existe um longo caminho a percorrer na intervenção estruturada da consciência fonológica em crianças com PC utilizadoras de SAAC.

Bibliografia

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Andrada, M., Virella, D., Calado, E., Gouveia, R., Alvarelhão, J. & Folha, T. (2007). *Versão portuguesa – sistema de classificação da função motora global (SCFMG)*. Recuperado em 2014, Outubro 7, de <http://motorgrowth.canchild.ca/en/GMFCS/resources/FINALGMFCS-ERwebformat-Portuguese.pdf>
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Eliasson, A., Krumlind, S., Rösblad, B., Beckung, E., Arner, M., Öhrvall, A. Rosenbaum P. (2005). *The Manual Ability Classification System (MACS) for children with cerebral palsy: scale development and evidence of validity and reliability developmental medicine and child neurology*. Recuperado em 2014, Novembro 3, de <http://www.macs.nu/download-content.php>.
- Pennington, L. Mjoen, T., Andrada, M. & Murray, J. (2010). *Viking speech scale*. Recuperado em 2014, Outubro 15, de <http://www.scpenetwork.eu/assets/SCPE-Tools/VSS/Viking-Speech-Scale-2011-Copyright..pdf>.
- Reynell, J. & Huntley, M. (1985). *Reynell developmental language scales* (2ªed.). Oxford: NFER-NELSON Publishing.
- Santos, A., Martins, A., Salazar, E. & Senra, J. (2013). A consciência fonológica em crianças com paralisia cerebral utilizadoras de sistemas aumentativos e/ ou alternativos à comunicação. *Cadernos de Comunicação e Linguagem*, 3, 47-58. Disponível em: <http://edicoes.ufp.pt/>.
- Sua-Kay, E. & Tavres, D. (2011). *Teste de avaliação da linguagem na criança (TALC)* (9ª ed.). Lisboa: Oficina Didática.